

## A VALORIZAÇÃO DA CULTURA NACIONAL, UMA PROPOSTA DIFERENCIADA PARA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Milene Alves  
E E Fabiano Lozano  
São Paulo - SP

Palavras-chaves: currículo, cultura popular e movimento.

### Resumo

*Valorizar a cultura brasileira enriquecendo as aulas de Educação Física, contribuirá na ruptura de paradigmas cientificistas. Conhecer a riqueza de nossa cultura requer envolver-se no mundo da sensibilidade popular, compreender o viver cotidiano, a vibração dos ritmos que perpetuarão as manifestações culturais, onde cada indivíduo é membro de muitos grupos e culturas. Tendo como objetivo resgatar a identidade e a brasilidade na herança cultural, através observação participante buscou-se sensibilizar crianças de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, no período de maio a novembro de 2004. A capoeira foi fundamental, além das atividades originadas e reconhecidas como folclóricas: dança de roda, canto, dramatização e jogos de rua.*

A escola deve atuar como mediadora de movimentos inovadores, no seu âmbito valorizar a cultura brasileira e enriquecer as aulas de Educação Física (EF), contribuindo para a ruptura de paradigmas desenvolvimentistas, cientificistas transformando conteúdos tradicionais.

É sabido que debates acadêmicos discutem uma definição epistemológica para justificar a EF e sua necessidade nos currículos. A superação do dualismo metodológico pode se desvelar nas bases do conhecimento antropológico e nas ciências sociais.

BETTI, 2005, teoriza uma EF concebida como um campo dinâmico de pesquisa e reflexão, fugindo do reducionismo praticado pela abordagem cientificista. OLIVEIRA, 1988, refere que as várias formas de pensar da EF, ao longo das últimas décadas no Brasil, tiveram reféns nos paradigmas da ordem, não havendo libertação do estilo de fazer ciência positivista.

Desenvolver um bom trabalho exige do professor, além da prudência, planejamento embasado nas matrizes filosóficas e pedagógicas, deve visualizar a importância da EF tanto quanto as demais disciplinas na tarefa educacional, desmistificando dogmas a respeito de modelos agindo de acordo com o que acredita e idealiza e na dimensão interacionista a expressão do aluno complementa a trajetória como requisito básico.

Em contraponto SILVA, 1996, observa nossa história conhecida apenas em vieses, à falta de compreensão das origens e por quês, remete-nos a promoção de aulas para uma sociedade hodierna. Os elementos para explorar a cultura no meio ao qual somos “mediadores”, é enxergar o que nos cerca, como, a história do bairro, a origem social dos alunos entre outros. Comumente a ausência de envolvimento do professor com esse meio, torna mais fácil dar a bola aos alunos e continuar aplicando as mesmas seqüências pedagógicas.

Indaga-se a falta de legitimação e reconhecimento social da EF, devido sua pratica manter-se dicotômica, com conteúdos e técnicas emprestados principalmente dos esportes. Sem preocupar-se consigo mesma a EF convive no ambiente escolar quase como optativa, abarca a “ideologia da sucata”, com raízes na escolanovista. Profissionais em nome da “criatividade” e “realidade dos alunos”, improvisam lugares de trabalho, tal qual a Educação Artística, que torna suas aulas verdadeiras oficinas

rudimentares, uma “ideologia” muito trabalhada nas escolas periféricas. Não há lutas para prover uma escola de recursos, evitam-se conflitos em nome da falsa criatividade e o saber elaborado não é transmitido.

Reaprender o prazer de trabalhar e explorar o desconhecido com os alunos, rompe o estigma de uma EF esporte competitiva e de apêndices. Como alternativa contundente, temos a diversidade cultural, desde que situemos o passado histórico de nossas raízes, no presente de nossas crianças, conectadas ao mundo pela internet.

Descobrir nas atividades artísticas e folclóricas uma relação intersubjetiva para a EF, não tratando apenas do movimento e do corpo, mas do ser humano em suas manifestações culturais com esse corpo, apresenta DAÓLIO, 2004. Para o autor os seres humanos sempre serão produtores de cultura, desde que compreendidas as especificidades e as características de cada grupo. A riqueza de nossa cultura requer desvencilhar-se de preconceitos entregando-se a ludicidade, a sabedoria e a sua expressividade. O mundo da sensibilidade popular, compreender o viver cotidiano, a vibração de ritmos faz-se necessário. Esses irão perpetuar essas manifestações, onde cada indivíduo é membro de muitos grupos e culturas. Na construção de um conhecimento fundado a visão antropológica contextualiza desde sempre e de forma generosa cada um desses universos. GEERTZ, 1995, postula que a diversidade cultural é o traço característico da humanidade; nossas diferenças culturais são o que de mais humano partilhamos.

Utilizando a observação participante, HAGUETTE, 1990, no período de maio a novembro de 2004, sensibilizando crianças de 1ª a 4ª série, com idade entre 8 e 11 anos, ciclo I ensino fundamental estadual, teve-se como objetivo resgatar a identidade e a brasilidade através da herança cultural. Respostas foram reportadas em vídeos e fotos, permitindo muitas reflexões acerca dos resultados, alguns descritos a seguir.

A capoeira foi apresentada para as 3ª. s e 4ª. s séries com exercícios corporais com grau de dificuldade baixo, direcionadas a iniciantes. Houve a colaboração de um Mestre de capoeira da comunidade, atuante há 30 anos na modalidade. Os sons do berimbau, atabaque e palmas promoveram a corporeidade através dos ritmos, despertando autonomia na criação de movimentos e no jogo. A melhor resposta nesse momento da observação foi à integração, o respeito comprovando que a capoeira não faz distinção de sexo, na roda meninos e meninas são iguais.

Na teorização dos conteúdos, os alunos da 4ª série faziam registros em um livro-diário intitulado “Nossa Educação Física Escolar”, duas vezes no mês em sala de aula. O sistema de formulação desse material, eram capítulos por assunto com ilustração e ou colagem sob a responsabilidade do autor/aluno. No capítulo Capoeira relatou-se a historicidade, a genuinidade brasileira, os instrumentos de percussão, as diferenças na prática angola e regional e os Mestres precursores.

Nas 1ª. s. e 2ª.s séries foram explorados: jogral; dança de roda, representações simbólicas da Asa Branca e do Boi Bumbá um tributo a Luiz Gonzaga; samba de roda com a representação simbólica da Boneca Emília, tributo a Monteiro Lobato com música Gilberto Gil; jogos de rua propostos pelos alunos. As respostas nessa parte da observação demonstraram socialização e amadurecimento disciplinar.

Referências bibliográficas:

- BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.3, p.183-97, jul./set. 2005
- BRATCH, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física.** Cadernos Cedes, Campinas, ano XIX, nº 48, Agosto/99.
- DAÓLIO, J. Educação Física e o Conceito de Cultura.** Campinas, Autores Associados, 2004.
- GEERTZ, C. A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- OLIVEIRA, R.C. Sobre o Pensamento Antropológico.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988.
- SILVA, S. A. P. S. Educação Física no 1o. grau: Conhecimento e Especificidade.** Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.29-35, 1996